

OS JOVENS COMO EXPERIMENTADORES E PRODUTORES DE DEVIRES

Celecina de Maria Veras Sales

Introdução

OS JOVENS são apontados como o “futuro do país”. Como vivem esses jovens no presente?

A realidade brasileira proporciona a juventude uma maratona diária de desafios: a inserção no mercado de trabalho é sua maior acrobacia, sem deixar de considerar o malabarismo que o acesso a moradia e educação requer. O lazer é uma invenção quase mágica. E o futuro?

A perspectiva de futuro é conseguir chegar com vida do outro lado da corda bamba, é vencer os riscos dos saltos mortais que precisa dar para sobreviver. É também representar papéis tendo que se fantasiar e fazer cambalhotas para ser aceito com sorrisos. E, ainda, ser engolido pelos animais que não conseguiu domar. Diante desse quadro circense o real e o imaginário se confundem, e, como diz Foucault, *o que fazer de si mesmo?*

Para refletir sobre a realidade dos jovens, foi realizada uma pesquisa desenvolvida em duas fases. A primeira buscou os jovens na escola, sendo aplicados mil cento e oitenta questionários, distribuídos entre escolas privadas de turnos diurnos (265), e públicas, de turnos diurnos (494) e noturnos (421). A Segunda, procurou aprofundar temas relevantes da primeira fase, através de debates sobre determinadas temáticas¹ e entrevistas abertas com dois grupos do Movimento Hip Hop (Cultura de Rua e Movimento Hip Hop Organizado – MH₂O) e dois grupos religiosos (um ligado ao Movimento Carismático e outro ligado à Pastoral da Juventude, este último localizado no meio rural).

Com esse universo, pode-se afirmar que a juventude estudada é ao mesmo tempo una e diversa. Neste ensaio, procura-se analisar uma questão que tem preocupado os estudiosos da juventude, – as expressões políticas e culturais da juventude nos anos de 1990.

Para melhor compreender as formas como os jovens estão fazendo política partiu-se da linguagem, dos exercícios políticos e da própria forma de organização desses jovens.

¹ Foram realizadas cinco seções de debates com cada grupo, os temas foram levados pelos pesquisadores através debates de vídeos, reportagens e pequenos textos feitos a partir dos dados da pesquisa quantitativa. Os temas debatidos pelos jovens foram: desigualdades sociais e política; gênero e sexualidade; sonhos e significado da juventude; convivência grupal; jovem e relações com a família.

O Discurso da Juventude

O discurso da juventude é aqui entendido a partir do pensamento de Foucault, como evento histórico, cultural e social. A compreensão desse discurso parte de questões levantadas por Foucault (1998). *Que discurso é esse? Como se constituiu? Por que esse discurso e não outro?*

As ações de alguns grupos de jovens têm sido recriar, reinventar a utilização do tempo e do espaço com música, dança, desenho, reflexões, no sentido de fixar para si mesmos fins e meios. Sua prática tem função crítica, de desaprender modos que regulam sua conduta, e produzir um discurso. Segundo Foucault o discurso é:

...um conjunto de enunciados, à medida que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinitivamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história (Foucault, 1995, p.135).

O discurso dos jovens muitas vezes não é reconhecido como um discurso verdadeiro, por ser considerado fora da ordem das leis e, por isso, sofre rejeição e interdição. Mesmo assim, não se pode negar que o discurso dos jovens "cria realidade, transforma e recria o mundo constantemente, ele é materialidade" (Briggmann, 1996, p.33).

O discurso, as ações dos jovens nos grupos estudados podem ser compreendidos como formas inovadoras de pensar e fazer política, à medida que possa se entender que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós nos queremos apoderar" (Foucault, 1998, p.10).

Nesse sentido, através da fala de alguns jovens, pode-se perceber que sua luta se inicia pela sobrevivência, contra a fome, contra as desigualdades, mas vai além, quando luta para entrar no jogo de disputa onde pode exercitar saberes e poderes.

A juventude tem que se engajar num movimento e buscar rumos. Estudar formas de como destruir esse sistema e construir um outro sistema. Um sistema capaz de promover felicidade, saúde verdadeiramente para o nosso povo e não para uma minoria. Mais para a maioria mesmo! Você dar comida a um idoso não resolve o problema da sociedade. Esse idoso mais tarde morre. Você não vai poder todo dia dar comida a esse idoso. Essa comida acaba, esgota. Você tira uma criança da rua, é mais uma criança. Isso a institucionalidade tá fazendo, com as FEBEM's da vida, com os albergues. Só que isso é minoria. Não resolve os problemas da sociedade. Necessita-se que a juventude se engaje em movimentos comprometidos com um pro-

pósito social. E por sinal eu vou radicalizar mais. Propósito revolucionário. Que transforme a sociedade como um todo. (...) É partir daí, da derrubada desse sistema, que poderemos sonhar em construir um outro sistema. Justo, igualitário, fraterno e solidário (Jovem do MH₂O).

As organizações simbolizam, para o jovem, um encontro, espaços de construção de um devir, onde podem agir, falar, lutar, produzir e suscitar eventos culturais e sociais. Ainda que seu discurso não seja propagado pela mídia, nem tido como equivalente ao discurso dos adultos, podendo até ser comparado ao discurso dos loucos, cuja palavra é “considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato” (Foucault, 1998, p.11).

A desqualificação do discurso dos jovens leva a sociedade a tratá-los como indivíduos que não podem falar por si. Dessa maneira, a mídia, a religião e diversos campos de conhecimento disputam a hegemonia de uma discursividade sobre a juventude. Quando lhes é dada a palavra, é apenas simbolicamente, uma vez que a fala é controlada, selecionada, para conter o perigo que dela pode advir.

Os procedimentos de controle e delimitação do discurso, são feitos para limitar aquilo que pode ser dito, como diz Foucault (1995), não se pode falar tudo porque põe em jogo poder e desejo. Os jovens pesquisados percebem esse controle da fala e da prática da juventude:

O sistema roubou, surrupiou a mentalidade da juventude e, além de ter feito isso, ela embaraçou tudo, trocou tudo, misturou tudo. É como se tivesse balançado a cabeça do sujeito e tivesse misturado tudo e deixado tudo confuso. Esse é um ponto (Jovem do MH₂O).

Essa usurpação da *mentalidade* de que fala o jovem é real, ela é operada por uma grande máquina que gera a produção da subjetividade dos indivíduos e, ainda mais, uma produção da subjetividade social e uma produção da subjetividade inconsciente (Guattari, 1996). Os jovens se vêem emaranhados por teias que cerceiam e modelizam sua forma de se comportar, de falar e a forma de ver o mundo. E, como se não bastasse a usurpação da mente, também são usurpados seus corpos, que precisam ser docilizados, disciplinados para serem explorados sem resistência.

... a juventude não consegue nem se organizar direito. Até os movimentos organizados como nós temos uma dificuldade enorme. Porque falta o vale transporte, falta aquela coisa...então vem aquela crise de subsistência, que é questão da alimentação dentro de casa. A falta de orientação familiar junto com os pais, ou que herdou já dos pais. Então tem toda uma estrutura que faz com que a juventude permaneça pacata, calma, no seu lugar. O sistema nos afogou. En-

ção assim, ela é órfão de lutas e, por esse motivo a juventude esta distante dos grupos organizados que se propõem a lutar por uma nova sociedade (Jovem do MH₂O).

Ao mesmo tempo que o jovem nega a mobilidade da juventude, ele coloca os obstáculos que o grupo consegue vencer para perseguir seus objetivos. Essa experiência vivida por esse grupo, assim como tantos outros, é uma oposição à idéia dessa máquina de produção de subjetividade. Guattari coloca a possibilidade de se desenvolver um modo de subjetivação singular-ou processo de singularização. Mas o que é processo de singularização?

É recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam subjetividade singular (Guattari, 1996, p.17).

Essa singularização a que Guattari se refere diz respeito a singularização existencial, ou seja, coincide "com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedades, os tipos de valores que não são os nossos" (Guattari, 1996, p.17).

Acredita-se que o jovem está buscando essa singularização, quando propõe alternativas de repensar a sociedade. Esse processo vai sendo construído dentro dos grupos através de suas músicas, desenhos, shows, quando é possível se rebelar, protestar, e construir seu próprio discurso. Briggmann (1996, p.33), partindo de uma matriz foucaultiana, diz que "o discurso cria realidade, transforma e recria o mundo constantemente". É um discurso que opera transformação de si, a medida que se fundamenta em uma prática de resistência à sujeição e que reflete a consciência de si.

Muitos jovens, que expressam críticas à sociedade capitalista, à mídia, ao governo, aos políticos, têm o desejo de mudanças e lutam por isso. Alguns passaram por experiências de total exclusão, quando usavam drogas, por exemplo, mas conseguiram junto ao movimento reconstruir seu gosto de viver, de lutar por uma sociedade menos excludente. Outros jovens, mesmo não tendo vivido experiências tão fortes, descobriram através de grupos religiosos um sentido para viver, para se sentirem úteis. Assim, todos esses jovens mesmo caminhando em diversas direções, imaginam um mundo a transformar, a partir de múltiplas diferenças querem construir esse sonho de uma nova sociedade

As expressões culturais da juventude

A importância do grupo para os jovens foi um dado comprovado na pesquisa, quando 61% dos jovens pesquisados avaliam que participar de um

grupo os faz sentirem-se bem. 67% dos jovens vêem o grupo como lugar de relações afetivas, lazer, ocupação do tempo livre, troca de informações, sociabilidade e podendo vir a ser espaço de reivindicação. No grupo, os jovens constróem algo além do domínio particular, juntam suas potencialidades, criam possibilidades de intervenção que os introduzam na sociedade.

A expressão desse processo são os movimentos culturais que trazem consigo ou em si iniciativas que negam processos de marginalização. O Movimento Hip Hop através do RAP (rhythm and poetry), do break (dança de rua) e do grafite (expressão visual) preenche ou inventa novos espaços-tempos. São com essas máquinas que o movimento opera, de onde provém a sua vontade de potência, sua capacidade de resistência..

Suas músicas, danças são processos de expressão que vão de encontro à produção de massa da sociedade capitalista.

E o que levaria a juventude hoje a se engajar, a um movimento mais forte, certo, seria o que a gente chama de nova contracultura.... Porque o movimento contracultura o qual nós propomos ele não é terminado. Ele tem um processo super longo. Ele é antes de uma insurreição e ele trabalha pós uma insurreição. Ou seja, esse movimento tomaria o papel do jornal burguês, esse movimento tomaria o papel da mídia burguesa (Jovem do MH₂O).

A contracultura seria pensar contrapoderes, criando possibilidades de práticas inovadoras, de lutas sociais de resistência. Isso vem demonstrar que a juventude faz parte dessas forças sociais de resistência e, portanto, pode dar respostas à nossa sociedade normalizadora, como nos fala esse jovem.

Essa insurreição seria uma revolução molecular, uma vez que os jovens dentro dos movimentos questionam o sistema em sua dimensão da produção de subjetividade (Guattari, 1996, p.139). Revolução é aqui entendida como um processo que produz história e portanto, a revolução "não é permanente: ela é um certo momento de transformação" (Guattari, 1996, p.186).

A proposta de transformação revolucionária dos jovens é uma revolução cultural, que deve interferir em mudanças, no comportamento, gosto, estilo de vida das pessoas, e que possa desencadear novas relações com a sociedade.

...cada grupo de forró, cada banda de rock, cada grupo RAP, passaria na suas músicas e se contraporiam ao sistema. Sem se vender, criando aí um mercado dele próprio. Toda uma atividade sendo a mais ampla coletividade, do ponto de vista de decisões, do ponto de vista de distribuição de renda... Só um movimento de contracultura forte, consistente e engajado, na luta de classes e militante seria capaz de aumentar esse quadro de pessoas que participam em grupos, a participar em grupos. (...)E aí travando as lutas quotidianas e, fa-

zendo ferver em toda cidade, em todo canto do planeta a luta. E aí ressurgir na juventude o sonho, o sonho de ser livre, o sonho de ser fraterno e ser solidário. O sonho de construir uma sociedade onde todas as pessoas possam ser felizes. E onde todas as formas de amar sejam respeitadas (Jovem do MH₂O)

O potencial criador dos jovens constrói possibilidades de mudanças na vida cotidiana, desperta sonhos de ser livre, ser feliz. E são esses sonhos que mobilizam essa vontade de lutar, de resistir e de viver. As palavras de Foucault, a seguir, conseguem elucidar, dar transparência ao desejo e objetivo da luta política, que, nas suas palavras, é a luta pela vida.

o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito. O "direito" à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades (Foucault, 1985, p.136).

Os jovens estudados, revelam através de seus sonhos, esse desejo à felicidade e liberdade que tem suas bases concretas no desejo de poder superar as desigualdades, iniciando com suas próprias condições individuais de vida, como a falta de trabalho, educação, moradia, informação. Seria garantir os direitos mínimos para que possam lutar por uma felicidade possível e também imaginária.

Acho que quando a gente é jovem, não só o jovem, a gente tem bastante sonhos, eu não tenho só um, eu tenho vários, o meu sonho não é só ver um Brasil melhor, mas um mundo melhor (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá).

São esses sonhos de felicidade coletiva que os faz recusar a exclusão instituída, insurgindo-se contra a ordem normativa. E dessa forma, produzem uma cultura da revolta que os impulsiona a "vontade-ação". Como diz Lins, "a vontade inscreve-se como uma tendência de ação do ser vivo, exercício de seu caráter dinâmico, desejante"(1999:83), e a ação diz respeito ao querer, que, segundo Lins, é diferente de almejar. "Almejar é da ordem dar espera passiva. Querer é, ao contrário, empreender, abrir perspectivas de ação"(LINS, 1999, p.83). É desse querer que esse jovem fala:

...nós somos privilegiado sempre falo isso pros caras, nós somos da periferia tá ligado, nós mora perto de um monte de coisa ruim, convive com um monte de coisa ruim no nosso bairro e nós tá fora disso sem sair do nosso bairro e a gente consegue alcançar um status, não sei se é esse o nome ou fama mesmo, sem ter dinheiro, tem muito playboy que queria tá em cima do palco, falando o que a gente fala e ter um monte de gente ouvindo acreditando no que a gente fala entendeu? A gente chega numa "quebrada", por exemplo, se a gente chega no Edson Queiroz(bairro) os cara recebe a gente assim (faz gesto), essa é uma "parada" que dinheiro no mundo não vai comprar entendeu? (Jovem do Cultura de Rua).

Esse depoimento diz respeito tanto à vida coletiva como à vida para si próprio. Quando, através da música, do show, do palco, eles se sentem capazes de se afirmar por outros valores, eles "emergem como alvo de poder"(Machado,1986). Esse poder é positivo, é estratégia, produz saber (Foucault, 1986). O exercício do poder, no palco, é também um lugar de formação de saber. (Machado, 1986). Nesse aprendizado, vão se tornando competentes, qualificados na forma de comunicar-se com outros jovens, principalmente os jovens dos setores populares.

...o vínculo do hip hop com a vida da gente inicialmente foi um lance de música mesmo, gostamos da música da mensagem, da gente ouvir as coisas que os cara falava, mas hoje o hip hop ele não deu dinheiro pra gente, mas ele deu um status sem ser essa coisa forçada jogada na mídia de ibope do cará de fama não sei o quê ele deu um certo privilégio pra nós, não só de ser os cara que canta o rap não sei quê, mas assim ser os caras que consegue viver na periferia, consegue combater os maus que tem lá entendeu (Jovem do Cultura de Rua).

Os jovens percebem o movimento como espaço de legitimidade, de luta e de crítica. Lá eles podem suscitar acontecimentos, ampliar limites, e até escapar da exclusão, da interdição.

As ações dos jovens em relação ao cuidado de si e do outro

Mesmo sendo frutos de uma sociedade de consumo, mesmo sendo incentivados ao individualismo, os jovens têm sonhos individuais e coletivos. Eles pensam em "vencer na vida", conseguir um emprego bem remunerado, estudar para "ser alguém na vida", mas nos seus sonhos carregam consigo o desejo de ajudar a família, ressaltando principalmente a figura da mãe. Eles destacam também pessoas e grupos marginalizados, como crianças de rua, idosos desamparados. Nas falas os jovens sempre colocam a preocupação

com o outro, mudar o mundo, a união, combater o individualismo. O cuidado² aparece nas falas no sentido cristão, o cuidado com os outros, com a sociedade, com o próximo. Essa é uma característica apresentada pela maioria dos jovens pesquisados, os que pertencem ou não a grupos organizados, mas principalmente os jovens dos grupos religiosos.

O sonho de vida digna não é apenas para nós jovens e sim, para todas as pessoas e quando ajudamos os que precisam é como se um pouco desse sonho estivesse começando a se realizar, a gente sente prazer em ajudar, é como se a gente estivesse contribuindo para começar a se realizar a vida digna porque eu acho que ninguém merece está passando fome, vir ao mundo para viver sofrendo, principalmente uma criança, machuca ver uma criança passar fome, então, quando a gente pode ajudar, seja dando alimento, dando carinho a gente está contribuindo para que esse sonho se realize (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá).

Seus sonhos são tecidos com o desejo de mudar o mundo, o cuidado aparece no sentido de despertar para a vida, de se preparar para a vida, preocupando-se consigo para se preocupar com o outro, ocupando-se de si com ajuda do outro, reforçando as relações familiares e de amizade (Foucault, 1997, p.126).

se a gente quer um país melhor não devemos olhar somente para nós, e sim, para aquelas pessoas que precisam da nossa ajuda, é ajudando uns aos outros que a gente pode construir um país melhor e podemos mostrar também para aqueles que governam nosso país que aquelas pessoas que passam fome, dormem na rua, que não tem afeto de ninguém, que não tem um olhar amigo de ninguém, eles também podem ajudar essas pessoas e não só a gente (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá)

Mas o cuidado aparece aqui também no sentido socrático, isto é, prestar atenção no que se é, nos seus valores. O cuidado para esses jovens pode ser ainda inquietação, angústia, como no pensamento de Nietzsche. Ou ainda, na forma de pensar de Heidegger, seria acordar (EIZIRIK, 1997). Esse jovem do movimento Hip **Hop** evidencia o cuidado na inquietude da situação da periferia e no que pode vir a ser quando não mais for possível suportar a situação que o sistema impõe para os jovens.

² O cuidado esteve presente ao longo de 25 séculos da história e da cultura ocidental, mais voltado para os outros, mais conernente a si, a Deus, à sociedade, à política, ou mais diluído entre tantas variáveis do existir, mas acompanhou e acompanha a trajetória de cada um de nós, na medida em que também *amplia – como curiosidade, vontade de saber, de descobrir, de querer explicar coisas, de dizer a sua palavra.* (EIZIRIK, Marisa Faermann. 1997:39)

A loucura na periferia vai chegar a um ponto tão insuportável, por isso que eu falo sempre pros cara daqui; nós cada dia ficar mais unido por um monte de coisa, até por causa dos caras do hip hop mesmo, por que assim na periferia quando você consegue criar uma corrente de união muito grande, o efeito do sistema é muito forte entre as pessoas de cobiça de individualismo, de nego passar por cima do outro, de inveja e o efeito do sistema é muito grande porque tá em todo canto isso, por necessidade e por que o sistema impõe entendeu. Eu tenho uma leva de dinheiro não vou poder dar esmola a todo mundo se não acaba meu real, porque tem um monte de esmoléu na rua, é a lei da sobrevivência e vai chegar a um ponto tal quando a gente constrói uma linha de resistência, as defesas do sistema cada vez fica mais forte junta mais gente e junta mais interesse (Jovem do Cultura de Rua).

Na fala anterior o jovem identifica toda a máquina perversa que o envolve para sucumbir diante do sistema, mas ele ressalta a vontade de resistir por meio da união do movimento, pelos desejos comuns entre ele e outros, capazes de levá-los a sair de si mesmos, de mudar, de construir novas possibilidades no campo da cultura, da política e outros campos. "Ocupar-se de si não é, portanto, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida" (Foucault: 1997, p.123).

Como os jovens vêm a política

Muitos estudos dos anos 90 vêm os jovens fora do mundo da política, mas o que se compreende por política? Arendt diz que "todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política" (Arendt, 1991, p.15). Então, como negar à juventude sua relação com a política?

Ao buscar entender o discurso dos jovens, pode-se perceber o sentido novo de política e cultura para eles. A política faz parte do processo de singularização, e dessa forma, ela deve ser pensada a partir da tecnologia e não apenas das condutas que a sociedade, o poder traçam para eles. Quando rejeitam, criticam determinadas situações de desigualdade e injustiça social, quando acreditam no movimento, na organização como uma forma de reagir à exclusão os jovens estão conduzindo seu próprio processo.

Ao participar de movimentos políticos, culturais e religiosos, os jovens inventam, transformam coisas, produzem saber, mudam comportamentos, valores, tecem sonhos, principalmente com a ajuda dos outros membros do grupo.

Aqui no movimento é massa. Se tem alguma pessoa que queira entrar na marginalidade, entrar numa ruim, a gente chega no Hip-hop... eu acho que governo devia apoiar mais esses grupos que tentam tirar os menores da marginalidade (Jovem do MH_2O).

O movimento dá possibilidade a esses jovens de cuidarem de si e do outro, eles questionam a falta de apoio do Estado às suas práticas junto a outros jovens que estão nas garras do sistema marginal, que os exclui do mundo do trabalho, da educação e, até mesmo, do direito de sonhar.

A noção de política dos jovens transparece em vários sentidos e várias possibilidades. Pode-se pensar a partir do discursos desses jovens em uma alternativa que contemple três possibilidades: a falsa política, a política verdadeira e a política do devir.

A falsa política pode aqui ser denominada como politicagem, isto é, a política das falsas promessas, a política em proveito próprio, a política que vai de encontro aos valores universais. A política verdadeira seria a positiva, estabelecida, o discurso oficial, a política da verdade. Entendendo-se por verdade, “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos” (Foucault, 1986, p.13). Mas essa verdade seria universal? Como distinguir o falso e o verdadeiro? Quem pode dizer o que é verdadeiro? Quais as técnicas e procedimentos para tanto?

Utilizando-se o pensamento de Foucault, pode-se entender que, a verdade, por ser parte do mundo, é por ele criada. Dessa forma, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade”(Foucault, 1986, p.12).

A terceira possibilidade, a política do devir, é criar algo novo, um discurso que constrói, que transforma, que produz realidade. “Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem se conformar com um modelo, mesmo quando este é vinculado à “justiça” ou à “verdade”(Lins, 1999, p.242).

Os jovens colocam as três formas de maneira bem clara. A primeira possibilidade:

... como tudo hoje no mundo é política, acho que ela (a política) tem uma coisa positiva, mas as pessoas sempre procuram fazer a política uma politicagem, ou seja, uma coisa negativa e não uma coisa positiva, ela é transformada numa politicagem, numa coisa negativa que prometem, prometem e no final nada constróem. Existe uma falta de conscientização das pessoas, porque na hora de escolher seus governantes não procuram votar com consciência, simplesmente votam por simpatizar com o candidato e não procuram como um ser e muitas vezes vendem o seu voto e, assim, vendem seus direitos (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá).

Aqui, se percebe que o jovem de um grupo religioso faz um paralelo entre a falsa política e a política verdadeira, uma em oposição a outra. A fala seguinte retoma a mesma idéia, comparando o bem e mal.

Quanto aos políticos eu acho que nunca se sabe se eles estão fazendo para o bem da nação, se eles estão tentando mesmo mudar alguma coisa, eu acho assim. Acho que a política tem a haver com o problema

da desigualdade, porque se nós tivéssemos políticos competentes que tomassem atitudes (Jovem do Grupo Religioso do Bairro Pedra).

O próximo depoimento trata da falsa política e seus efeitos. Já inicia, contudo, vislumbrando a idéia de construção de uma outra sociedade, mas insiste nesse movimento binário de opor o verdadeiro ao falso:

...a desunião, falta de interesse dos governantes, orgulho, racismo, egoísmo, ambição pelo poder, falta de amor ao próximo, falta de conhecimento, falta de oportunidade e a desigualdade na educação. Por causa dessas coisas a nossa visão não é muito boa, porque para um país que sonhamos falta eliminar tudo isso do nosso país (Jovem da Pastoral do Município de Tauá)

A falsa política é repetidamente associada à pessoa do político. E o discurso político determina o sujeito que fala, a partir de papéis previamente estabelecidos na política verdadeira.

A gente se engana demais, porque eles falam uma coisa e faz outra completamente diferente. A gente tem que tentar conhecer aquela pessoa para saber se ela é digna mesmo de está no poder (Jovem da Pastoral do Município de Tauá).

Como fala esse jovem, antes de tudo é preciso saber o que é política e entender que todos fazem política, mas qual política? Foucault citando Plutarco diz: “A política é “uma vida” e uma “prática” (bios kai praxis)” (FOUCAULT, 1985, p. 94). Como diz essa jovem, em um debate durante a pesquisa, os jovens buscam entender os significados da política, mesmo que em uma visão dualista entre positivo e negativo.

A convivência, ninguém pode anular essas coisas não, tem que deixar de ver, a outra menina falando aí, “eu não estou nem aí para política”, e ela hoje estar na situação que ela estar por causa da política, não adianta dizer que detesta política, eu nunca gostei de quem disse que detesta política, a gente detesta de hoje que não estar certa, isso aí é uma coisa, mas detestar política mesmo, o que é política, tem gente que não sabe nem o que é, por isso que detesta (Jovem do Grupo Religioso do Bairro Pedra).

Ao analisar o sentido de política os jovens demonstram que rejeitam organizações instituídas, como partido, sindicato, isso não significa que eles estejam negando a política como prática. Os jovens estão fazendo política quando estão construindo outras formas de agrupamentos.

Dos jovens pesquisados nas escolas, comprova-se que 31,6% estão participando de grupos organizados e desses, apenas 2,7% estão nos parti-

dos políticos. Nesse universo de 31,6%, constata-se também que 41% estão em grupos culturais (bandas, teatro).

Dados semelhantes são encontrados em pesquisas sobre a juventude, por exemplo, no Chile, na França e no Brasil. Em uma pesquisa desenvolvida em nove capitais brasileiras e no Distrito Federal, com uma amostra de 1806 jovens, chegou-se a resultados semelhantes, 81% dos jovens não confia nos partidos políticos, com relação ao Movimento Sindical 44% não confia e 45% confia até certo ponto.³

Nas entrevistas, percebe-se a visão dos jovens sobre política e suas argumentações. A percepção desse jovem sobre política é bem mais ampla do que a política partidária, ele enfatiza a importância do movimento Hip Hop, critica o partido e fala de um devir político:

A gente viu a importância do Hip Hop como ele é em si, o novo padrão que ele tem de militância política, ao invés da gente ter de enquadrar o Hip Hop dentro dos padrões lá das centrais democráticas, da versão tradicional dos partidos de esquerda, nem era necessário, a gente tava era matando a raiz do Hip Hop, a gente viu por exemplo que embora os cara da FEBEM não soubesse ler nem escrever e não dominasse os grandes conceitos, os caras faziam uma puta rima e a partir daí a gente ia discutindo as coisas, os caras tavam tipo, assim, querendo escrever o próprio nome, já tava motivado, escutava uma letra de Rap que falava da gíria que traduzia as questões que ele vivia no cotidiano, né! (Jovem do Cultura de Rua).

Mesmo criticando a forma tradicional de fazer política o jovem acredita que pode inventar outras formas através de suas organizações culturais uma vez que estas têm se constituído um espaço onde grupos e indivíduos podem se representar e também num espaço onde possam questionar o sistema em sua dimensão da produção de subjetividade.

As organizações dos jovens podem além de ser espaço de sociabilidade, tornar-se também um espaço de exercício da democracia. Como também podem reproduzir formas conservadoras de autoritarismo, alienação. Para resistir às tentativas de controle social, é fundamental que uma das finalidades dos grupos seja a luta pela autonomia, pela liberdade de singularização.

Alguns grupos tentam transformar normas, disciplina, regras, dando um novo sentido ao grupo, criando de fato práticas criativas, revolucionárias que os jovens desenvolvem para estar no mundo.

³ Pesquisa "Juventude Cultura e Cidadania, realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 1999, com jovens de 15 a 24 anos de Porto Alegre-RS, Curitiba-PR, São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Belo Horizonte-MG, Salvador-BA, Recife-PE, Belém-PA, Fortaleza-Ce e Brasília.

Os jovens no grupo têm possibilidades de construir processos de singularização que podem se apresentar de forma alternada, ora produzindo singularidade, onde constróem um novo tipo de representação, ora têm seus miniprocessos de desejo capturados pelas máquinas de produção capitalística (Guattari, 1986). Mesmo porque é difícil romper com as redes de manipulação e telecomando, que robotizam os grupos e organizações, que impõem valores massificadores, assim como é também difícil manter uma luta incessante e contínua de resistência (Guattari, 1986).

Esses jovens excluídos estão buscando novas formas de relações com a sociedade, estabelecendo outras relações com o trabalho, inventando alternativas de lazer, fazendo um reencontro com a arte. É nesse processo de criação e recriação da vida cotidiana que esses jovens podem desenvolver formas criativas de organização, inovando também a maneira de pensar e fazer cultura e política. Os grêmios estudantis, os clubes de jovens, as bandas, o Hip Hop vão dar lugar a novos movimentos que expressam seus "outros" espaços de atuação e outros vínculos com a sociedade.

Os excluídos não são apenas aqueles jovens pobres, mas também aqueles que recusam a legitimar a ordem vigente, os que se rebelam, que questionam a exclusão, e o comportamento das elites. São esses jovens que estão descobrindo novas formas de relação com a sociedade, de organização para resistência, como estão construindo novas representações, e estão tentando escapar de reproduzir os modos de subjetividade dominante, em todos os sentidos de exclusão raça, classe e gênero.

Os jovens colocam como estão construindo a política, o processo já foi desencadeado e portanto não se trata de utopia.

O povo não tem a dimensão da força que é o Hip Hop que é um movimento social que tá se formando, né, fora do espaço institucional, fora das formas tradicionais de organização. De organizar o povo, e tal, porque é uma coisa nova a nível de juventude e no momento onde todos os projetos coletivos tão fodidos, hoje ninguém acredita em ninguém, ninguém quer ficar junto de ninguém e a gente tá juntando o cara que tá lá, sem instrução entregue às drogas, na gangue (Jovem do Cultura de Rua)

Na visão desses jovens suas práticas tem um significado político, transformador, que é construído coletivamente. É um processo de singularização que está sendo gestado no grupo.

O negócio é acreditar no potencial do jovem mesmo, acreditar nele, querer fazer isso e fazer. O negócio é pensar em fazer e fazer ter a força de vontade que o hip hop tem. Dançar o break não é em vão, vai atrás de dançar e não tá nem aí se vai rasgar as costas, se vai quebrar um braço quer fazer aquilo ali e faz e consegue fazer, é isso

ai é a força de vontade da pessoa mesmo vem de dentro, tipo nunca vou conseguir fazer uma letra de rap, nunca vou conseguir ter uma "levada" igual a dele, nunca vou conseguir uma base dessa, sendo que a gente acha que não. Antes a gente nem base tinha como fazer, começando batendo em lata mesmo a força de vontade da pessoa (Jovem do Cultura de Rua).

Ao romper diversas barreiras de exclusão eles estão engendrando ações, tecendo sonhos que são capazes de gerar um sentido novo para política. O que torna mais desafiante, nessa proposta, é que as condições são completamente adversas, o chão, o sólido fogem aos seus pés, as perspectivas escorregam entre seus dedos, e ainda assim ficam os desejos, a vontade de saber, a vontade de lutar por sonhos que são e tornam-se realidade.

Organização dos jovens do movimento hip hop

O Movimento Hip Hop chega ao Brasil na década de 1980 e em Fortaleza no início da década de 1990 com o grupo denominado Movimento Hip Hop Organizado – MH₂O. Esse grupo cresce, desencadeia uma pluralidade de visões acerca da ampliação de seus próprios limites, cria diferentes estratégias de atuação o que levam, em 1998, ao desmembramento, dando origem ao denominado Cultura de Rua.

Os grupos de Hip Hop organizados atuam por núcleos, que denominam de posse. Segundo um jovem do MH₂O posse “é um grupo de militantes reunidos, fazendo movimento social”, ou ainda, “indivíduos que fazem o Hip Hop e habitam em determinada região”.

Durante o trabalho de campo, ao observar o grupo Cultura de Rua em momentos de atividades, percebe-se que a própria forma como pensam e se organizam, é bastante diferente das maneiras tradicionais. Suas reuniões, encontros, ensaios, não segue, um modelo, com pauta ou qualquer formalidade, mesmo nos programas de rádio, eles têm uma espontaneidade rebelde que denota uma forma de comunicar-se que escapa ao controle da sociedade, e é dessa anarquia que eles criam sua própria ordem. (DELEUZE, 1992).

O Movimento Hip Hop se propõe a perverter a ordem do sistema, como também a perverter todas as ordens. Os jovens do grupo Cultura de Rua criticam as determinações, os modelos que são impostos a qualquer grupo e ao escapar dessas regras, desses poderes dominantes e desses saberes constituídos, eles criam seus próprios meios de organizar-se. Eles não adotam modelos, ou talvez adotem seu próprio modelo, e como diz Deleuze, “quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação” (Deleuze, 1992, p.214).

Nessa ordem e desordem, o grupo cria uma maneira própria de desenvolver suas atividades. Nessa fala esse jovem vai desenhando a forma que

ele e seu grupo estão criando para chegar a outros jovens, segundo o mesmo, não adianta falar para os jovens da periferia com um discurso acadêmico ou de esquerda porque para eles não tem nenhum significado.

A gente começou a trabalhar junto às gangues, né, com a nova filosofia, a trabalhar essa coisa mesmo de lá pra cá, e não de cima pra baixo, a gente tem o conhecimento e vou chegar pra vocês: ó cara vocês são assim porque tem pobres e ricos, o sistema quer que seja assim, pá, pá. Não é bem assim, né, tinha outros valores lá, tem outras coisas (Jovem do Cultura de Rua).

A crítica que esse jovem faz ao discurso doutrinário é também uma crítica à pertença doutrinária. Uma vez que a doutrina

...liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros (Foucault, 1998, p. 43).

Para escapar desse controle, desses dispositivos de poder que organiza esses saberes dominantes que codificam os seguimentos de forma binária, eles operam com suas próprias máquinas ampliando seus limites, buscando suas linhas de fuga. Outra forma de comunicação além do *break*, *RAP* e *grafite* que o grupo Cultura de Rua criou como símbolo para divulgação de seus códigos e idéias, foi um informativo, em abril de 2000. Seu editorial revela seu conteúdo:

Esse informativo, é pouco diante de toda essa Babilônia de enganação Global, mas é muito se unida a outras iniciativas que buscam rasgar o véu da mentira dos 500 anos e escrever uma nova história, construída por aqueles e aquelas que sempre batalharam por um Brasil justo, igual e livre (Informativo do Movimento Hip Hop Cultura de Rua. Ano 1 - Número 1 - abril/2000).

Referências Bibliográficas

- ARENDRT**, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense, 1991.
- BRIGGMANN**. Arcanjo Pedro. Discurso: estrutura, evento ou processo? In *Revista Educação, Subjetividade e Poder*, V.3(mar-jul/1996) Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa em Educação da UFRGS, ed. UNIJUI, 1996.
- DELEUZE**, Gilles. **Conversações**. Tradução PELBART, Peter Pál. Rio de Janeiro: Ed. 34, Col. TRANS. 1992

EIZIRIK, Maria Faermann. Ética e Cuidado de Si: Movimentos da Subjetividade. In *Revista Educação, Subjetividade e Poder*, V.4(mar-dez/1997) Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa em Educação da UFRGS), ed. UNIJUI, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*, 4. Ed. Rio de Janeiro. Florense Universitária, 1995.

_____. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*, Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *A Ordem do Discurso*, São Paulo: Loyola, 4 ed. 1998.

_____. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*, Rio de Janeiro: Graal, 6 ed. 1985.

GUATTARI, Félix e **ROLNIK**, Suely. *MICROPOLÍTICA: Cartografias do Desejo*. Vozes. Petrópolis, 4 ed. 1986.

LINS, Daniel. *O Dedo no Olho: micropolíticas do cotidiano*. São Paulo: Annablume, 1999.